Declassified in Part - Sanitized Copy Approved for Release 2012/02/14 : CIA-RDP83-00415R003200030010-1

STAT

Page Denied

Next 1 Page(s) In Document Denied

Declassified in Part - Sanitized Copy Approved for Release 2012/02/14 : CIA-RDP83-00415R003200030010-1

Declassified in Part - Sanitized Copy Approved for Release 2012/02/14 : CIA-RDP83-00415R003200030010-1

BEST COPY

Available

Declassified in Part - Sanitized Copy Approved for Release 2012/02/14 : CIA-RDP83-00415R003200030010-1

Declassified in Part - Sanitized Copy Approved for Release 2012/02/14 : CIA-RDP83-00415R003200030010-1

VI SÉRIE — N.º 150 — ... — PREÇO 80$

SALVEMOS AS VIDAS DE ÁLVARO CUNHAL, DE MILIT. RIBEIRO E DE TODOS OS ANTI-FASCISTAS PRESOS!

QUANTO mais a camarilha salazarista procura arrastar o país para uma política de abdicação nacional e de ruína económica, aliadas a uma exploração mais intensa das massas trabalhadoras, maior se torna o terrorismo político que desencadeia contra todos os patriotas e democratas.

O governo de Salazar sente a necessidade de fazer calar pela violência as vozes de todos aqueles que denunciam ao nosso povo os seus crimes e que lutam pela liberdade e independência do povo português.

Perseguindo os democratas e os patriotas, a camarilha salazarista procura enfraquecer a frente democrática nacional e em particular isolar o Partido Comunista, como seu combatente de vanguarda, procurando por esta forma abalar a unidade dos anti-fascistas portugueses.

A prisão e a tortura de patriotas e de democratas que dedicaram as suas vidas heróicas à luta em defesa da classe operária e do nosso povo, como **ÁLVARO CUNHAL, MILITÃO B. RIBEIRO, FRANCISCO MIGUEL, JOSÉ MARTINS, GUILHERME da COSTA CARVALHO, LUISA RODRIGUES, MERCEDES FERREIRA** e sua irmã **SOFIA FERREIRA, CASIMIRA da CONCEIÇÃO SILVA, JAIME SERRA, ANTÓNIO LOPES e AUGUSTO P. de SOUSA**, mostram bem o ódio que anima os dirigentes fascistas na sua perseguição e aniquilamento dos melhores filhos do povo.

As prisões salazaristas encontram-se repletas de democratas dos mais variados pontos políticos. Muitos deles como **Militão Ribeiro**, Luisa Rodrigues, Sofia Ferreira, Jaime Serra, Augusto de Sousa e outros **estão a ser barbaramente espancados pelos bandidos da PIDE e a-lhes recusado toda e qualquer visita ou assistência. Álvaro Cunhal, gravemente doente**, encontra-se rigorosamente incomunicável na enfermaria da Penitenciária de Lisboa. Guilherme da Costa Carvalho está sob «castigo» no Forte de Caxias, onde o nazi capitão João da Silva o mantem no mais completo isolamento. As mães das valentes camaradas Luisa Rodrigues, Mercedes Ferreira, Sofia Ferreira e Casimira da Conceição Silva, estão a ser maltratadas e insultadas pelos esbirros da polícia.

Centenas e centenas de presos espalhados pelas prisões do continente e muitas dezenas de deportados no **CAMPO DE CONCENTRAÇÃO E DE MORTE LENTA** do Tarrafal, **esperam da solidariedade e da luta dos democratas portugueses o termo dos seus longos sofrimentos e a salvação das suas vidas em perigo!**

Só um amplo movimento nacional de solidariedade em volta dos presos democratas e em particular dos antigos dirigentes da classe operária **ÁLVARO CUNHAL, MILITÃO RIBEIRO, FRANCISCO MIGUEL E JOSÉ MARTINS,** poderá salvar as vidas destes filhos do povo que ao povo dedicaram o melhor da sua inteligência e das suas energias.

É preciso que todos os democratas, todos os homens e mulheres de coração, protestem contra o terrorismo policial salazarista exigindo um tratamento humano para os presos e a comunicabilidade imediata com familiares e advogados de confiança à presidência da República, à Assembleia Nacional, ao governo e em especial ao naval-salazarista Cunha e de Abreu, ministro do Interior, tornando-os responsáveis pelo que de mal lhes possa suceder.

LEMBRAI-VOS! É dever de todos nós lutar contra o terrorismo que campeia em Portugal, pela comunicabilidade imediata dos democratas presos, contra os maus tratos aos presos e por uma ampla amnistia que ponha fim aos torturas e sofrimentos de centenas e centenas dos melhores filhos de Portugal!

Proletários de todos os países! UNI-VOS!

Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

SÓ A UNIÃO DE TODOS OS DEMOCRATAS PODERÁ SALVAR PORTUGAL!

OS FASCISTAS PREPARAM-SE PARA A NOVA MANOBRA ELEITORAL!

AS COMISSÕES ELEITORAIS PROSSEGUEM NA LUTA!

A INDEPENDÊNCIA NACIONAL CORRE PERIGO!

A situação económica e política do país agrava-se de dia para dia. A adesão de Portugal ao Pacto do Atlântico veio acentuar ainda mais a submissão política do governo de Salazar ao governo dos Estados Unidos, e tornar mais pesado o domínio dos imperialistas de Wall-Street sobre a economia do país e das colónias, pondo assim em jogo a independência económica e política da nação.

A adesão de Portugal ao Pacto do Atlântico significa a utilização efectiva das bases aéreas e navais das Ilhas e do Continente pelas forças armadas dos Estados Unidos (apesar das afirmações mentirosas em contrário); significa o dispêndio de milhões de contos, arrancados ao trabalho do povo português, em obras improdutivas de carácter militar e em armamentos; significa a transformação da Península Ibérica numa testa de ponte das forças armadas norte-americanas, no caso duma nova guerra.

Salazar, obedecendo servilmente aos intentos dos atendentes duma nova guerra, e aos políticos do Vaticano, não duvidou defender numa entrevista concedida à United Press a entrada da Espanha de Franco no Pacto do Atlântico, invocando a «falha geográfica e estratégica que a sua ausência traduz», pondo assim em relevo o papel estratégico a desempenhar pela Península no caso duma guerra de agressão anti-soviética e anti-democrática, caracter esse que foi invocado por Caeiro da Mata ao assinar o Pacto, em Washington, quando disse que «as forças morais do ocidente erigem-se agora na vontade de remediar os seus males», e quando aludiu ao comunismo como «a maior e mais perigosa epidemia mental de todos os tempos». O fascismo nacional pretende, pois, fazer de Portugal praça de armas e do povo português carne de canhão numa nova guerra de agressão anti-soviética e anti-democrática.

O AFUNDAMENTO DA ECONOMIA NACIONAL

O afundamento progressivo da economia nacional devido à sua submissão ao Plano Marshall é cada vez mais notório. Segundo confessou o próprio ministro da Economia na sua exposição ao Conselho Superior de Indústria, em 1948 o saldo negativo da nossa balança comercial com o estrangeiro terá sido superior a 3 MILHÕES E MEIO DE CONTOS! Este deficit monstro de perto de 7 milhões de contos sofrido pela economia portuguesa deve-se fundamentalmente à política de importações mágicas QUE BENEFICIANDO OS EXPORTADORES AMERICANOS LANÇOU A RUINA NA AGRICULTURA PORTUGUESA, que se encontra sem perspectivas seguras, sem capitais e endividada na sua maior parte.

Portugal, que até 1947 dava exportado mais substâncias alimentícias do que importava, passou a partir desse ano a importar mais do que exportava. Devido às imposições dos fornecedores, e ao «chicote» do Plano Marshall, e ao «chicote» do Plano Marshall, tivemos que importar produtos alimentares (farinhas e massas) já industrializados, incluindo as fábricas portuguesas privadas de moerem o trigo e de fabricarem as massas, para benefício dos industriais americanos. Como também confessou o ministro da Economia, há crise nas exportações de cortiça, vinho do Porto, vinhos comuns, nas frutas secas, nos bordados da Madeira, etc, etc. Isto é, os maiores valores da nossa exportação sofreram todos baixas consideráveis com a «scarshilização» do país. Presentemente começa-se a sentir já uma crise na indústria conserveira, nas fábricas metalúrgicas estão muitas delas a trabalhar só 3 dias por semana e a despedir pessoal por falta de trabalho. Sucede-se se falências de pequenos comerciantes por toda a província, devido à desgraça do poder de compra dos camponeses e pequenos produtores agrícolas a braços com uma crise séria, e, consequentemente, cresce o número de desempregados de dia para dia. A economia nacional, sob a influência funesta do Plano Marshall, afunda-se progressivamente.

A assinatura do Pacto do Atlântico trará um maior agravamento à ruína da economia do país e das colónias nas mãos dos capitalistas de Wall Street, agravará a crise económica em que o país se debate.

OS FASCISTAS PREPARAM-SE PARA A NOVA MANOBRA ELEITORAL

Hoje mais do que nunca o governo salazarista sente a necessidade de uma manobra eleitoral que permita aos olhos do mundo dar o ar duma democracia. Depois das eleições à presidência da República, e depois de passado o choque psicológico que o país sofreu com o mundo democrático pela intervenção do candidato do general Norton de Matos, o fascismo sente necessidade de criar uma oposição inofensiva, reduzida a meia dúzia de elementos que permita aos olhos do mundo provar o carácter democrático e fascista do regime que se diz democrático

Declassified in Part - Sanitized Copy Approved for Release 2012/02/14 : CIA-RDP83-00415R003200030010-1

SÓ A UNIÃO DE TODOS OS DEMOCRATAS... (conclusão)

descontinuidade na trajectória política do país e que defendem o convívio político de partidários e adversários do Estado Novo»... que pode existir sem abdicar de desonrosos de qualquer desses grupos», como este se já pratica com o deputado fascista Jorge Botelho Moniz.

A verdade é que mesmo certos agrupamentos que se dizem progressivos e até socialistas, e sem afinidades particulares com o sr. Cunha Leal, estão tentando levar a cabo uma política divisionista e de compromissos mais ou menos directos com os dirigentes fascistas. Esta identidade de opiniões não deriva, como já dissemos, de contactos directos do sr. Cunha Leal ou dos trusts a que presta serviços com esses agrupamentos, mas deriva sim de certas ligações com as embaixadas dos Estados Unidos e da Inglaterra, onde a formação duma terceira força é defendida acaloradamente, para assim melhor poder servir os seus objectivos, que neste momento são também os objectivos do governo de Salazar. Como constatava «The Economist» uma terceira força com o sr. Cunha Leal e com o sr. Lima Alves é pelo menos provável, e daí os imperialistas procurarem outras figuras do campo político da oposição para formarem essa terceira força, como seja por exemplo, a União Socialista.

O FASCISMO INTENSIFICA O TERRORISMO POLÍTICO!

Para facilitar e propiciar manobras divisionistas o fascismo inicia uma campanha mais violenta contra os comunistas e contra todos os elementos mais combativos da oposição democrática, incluindo nessa campanha a perseguição ao fraccionalismo e o direito ao trabalho dos suspeitos de comunistas. Desde as prisões dos queridos dirigentes do Partido Comunista Português, Álvaro Cunhal, Militão Ribeiro e José Martins; e dos valentes camaradas Lúcio Rodrigues, Mercedes Ferreira, Sofia Ferreira, Casimira da Conceição Silva, Jaime Serra, Augusto Pereira de Sousa e António Lopes, até ao assalto pela polícia a uma tipografia do Partido, tudo tem servido à camarilha fascista para afirmações de ódio e campanhas violentas e difamatórias contra o partido dos trabalhadores portugueses, fomentando assim uma política de divisão da família portuguesa e criando um ambiente de guerra civil no país. Desde o discurso do ministro do Interior aos presidentes das câmaras, onde se lamenta a «brandura» duma legislação que permite que se apliquem penas de 5 a 5 anos de prisão por propaganda comunista, até aos repetidos discursos pronunciados na Assembleia Nacional pelos deputados meia quiro-fascistas Mário de Aguiar e Pinheiro Torres, onde se exalta a acção da PIDE e se pede a «exterminação» ou a mais feroz das perseguições aos comunistas ou todos como tal, tudo demonstra a preocupação que neste momento anima os fascistas de enfraquecerem e de tentarem isolar o Partido Comunista e de facilitarem, por esta maneira, a acção dos agentes desagregadores. Em vésperas de novas «eleições» a ofensiva contra o Partido tem por objectivo enfraquecer a luta dos democratas, abalar a sua unidade combativa, única forma de levar a bom termo a nova manobra eleitoral.

REFORCEMOS A UNIDADE E REDOBREMOS A LUTA!

Os ataques raivosos dos fascistas ao Partido Comunista como força de vanguarda no movimento anti-fascista e este afã na divisão das forças democráticas, mostram-nos bem a fraqueza do fascismo e a sua necessidade de procurar debilitar por formas directas e indirectas a oposição democrática, cuja força verificou quando das eleições presidenciais. Esta preocupação dos fascistas diz-nos que é este o seu ponto fraco, aquele que os democratas tem de saber explorar para os levarmos de vencida.

Hoje mais do que nunca a unidade de todas as forças democráticas impõe-se imperativamente, temos que lutar pela união de todos os patriotas, de todos os homens honrados, de todos os democratas sinceros. As vantagens da união de todos os patriotas e democratas estão bem patentes nas grandes jornadas de luta do MUD em 1945-46 e nas da campanha eleitoral para a presidência da República este ano; a sua prova está feita perante o nosso povo, as vantagens por todos verificadas.

O NOSSO POVO QUER A UNIÃO DE TODOS OS DEMOCRATAS HONESTOS NUMA ÚNICA FRENTE, E CONDENARÁ DECIDIDAMENTE TODOS AQUELES QUE PRETENDEREM QUEBRAR A UNIDADE DAS FORÇAS DEMOCRÁTICAS, ALEGANDO FALSOS PRETEXTOS.

REFORCEMOS AS COMISSÕES ELEITORAIS!

As milhares de comissões eleitorais formadas pelo povo através de todo o país antes e no decorrer da campanha eleitoral não poderão desaparecer por vontade de meia dúzia de democratas, por muito grande que possa ser a sua influência política. FORAM FORMADAS PELO POVO, E SÓ O POVO PODERÁ DISSOLVÊ-LAS!

Num momento em que se aproximam novas formas de luta legal para as forças democráticas (eleições para a Assembleia Nacional e Juntas de Freguesia) importa que todas as comissões eleitorais se mantenham prontas a entrarem de novo na luta. Também nós pensamos que há que remodelar certas comissões eleitorais, NÃO PARA EXPULSAR DO SEU SEIO AOS ELEMENTOS HONESTOS E TRABALHADORES, MAS SIM PARA EXCLUIR DELAS AQUELES QUE NADA FIZERAM, aqueles que só fizeram por missão aparente torpedear a acção dos democratas honestos, aqueles que foram agentes directos ou indirectos do fascismo dentro das comissões eleitorais, como se deu com Prestes Salgueiro em Lisboa, Santos Silva no Porto e Fernandes Lopes em Coimbra.

É preciso que as forças democráticas se compenetrem de que a força que reside na sua estreita ligação com o povo, que se não deixem desmoralizar por certos elementos derrotistas nem pelas manobras habilidosas do inimigo, e se mantenham prontas para o ataque, para novas lutas. A magnífica experiência das lutas passadas e o crescer das forças democráticas no mundo dão-nos a certeza da vitória, e a vitória pertencerá aqueles que souberem ganhar a última batalha, que souberem manter unidas as suas forças até essa vitória.

Só a União de Todos os Patriotas e Democratas poderá SALVAR PORTUGAL!

Num momento em que os caciques do fascismo procuram arrastar o país para criminosas aventuras militares; num momento em que os trabalhadores portugueses e com eles muitos milhares de camponeses e de pequenos proprietários e industriais sofrem as consequências funestas da política de enfeudamento económico e político aos imperialistas anglo-americanos por parte do governo de Salazar; num momento em que toda a economia nacional está ameaçada por uma crise tremenda ou já debatendo-se dentro dela, como consequência da aplicação do Plano Marshall; num momento em que as riquezas mineiras e agrícolas das colónias portuguesas estão sendo entregues à voracidade dos trusts anglo-americanos, só a união firme e combativa dos patriotas e democratas portugueses poderá salvar Portugal. AQUELES QUE COMBATEM A UNIDADE E A ACÇÃO CONJUNTA DE TODOS OS PATRIOTAS E DE TODOS OS DEMOCRATAS EM DEFESA DA INDEPENDÊNCIA E DA DEMOCRACIA NACIONAL TRAÍEM POR ESSE MESMO FACTO O SEU PAÍS E O POVO, SACRIFICAM AOS SEUS MESQUINHOS INTERESSES OS INTERESSES BEM SUPERIORES DA NAÇÃO.

O tubarão da Quinzena

EM todo o decorrer da campanha eleitoral destacou-se o **Eng. Cancela de Abreu,** actual ministro do interior e ex-ministro das Obras Públicas e ex-deputado, que pertence à Junta Consultiva da União Nacional e é vogal do Conselho Técnico Corporativo, e faz parte duma família de monárquicos e de fascistas.

A fazão de ser deste ódio às forças democráticas e ao povo por parte do Eng. Cancela de Abreu, e de seus irmãos, reside essencialmente no facto destes senhores terem feito, e estarem fazendo, explêndidos negócios à sombra tutelar do Estado Novo fascista, pela ligação das suas actividades políticas com a administração de importantes empresas capitalistas.

O Eng. Cancela de Abreu é ou foi até há pouco tempo o delegado do Governo junto do Grémio do Comércio de exportação de vinhos, organismo monopolista de escandalosa origem. É proprietário rural em Mortigua e administrador da Cª dos Caminhos de Ferro da Beira Alta (encorporada na C.P.), sub-director da Sociedade Estoril, e preside às assembleias gerais da Cª de Seguros O Trabalho, à frente da qual se encontram outros fascistas graúdos, como o Eng. Sebastião Ramirez, o famigerado Gil Robles e o tubarão fascista Bernardino Correia.

Por intermédio dos seus irmãos Alexandre, Armando e Paulo, o Eng. Cancela de Abreu encontra-se também ligado às seguintes companhias de seguros: Cª de Seguros a Nacional, Cª de Seguros Vitalícia (associada à anterior), Cª Geral de Seguros, Cª de Seguros Comércio e Indústria, Cª de Resseguros Prudência, etc.; e às seguintes companhias coloniais: Cª do Niassa, Cª da Roça Angra Toldo, Cª Colonial Portuguesa, Cª Agrícola Angolares, etc, etc. Além disso, o actual ministro do Interior encontra-se ainda ligado a importantes trusts internacionais, como sejam a SOFINA (por intermédio da sua subsidiária portuguesa Sociedade de Estudos Técnicos) trust que em Portugal domina as Companhias Reunidas Gás e Electricidade de Lisboa e as novas empresas hidro-eléctricas; o truste germano-espanhol GRIEFI (por intermédio da Cª de Cimentos Brancos CIBRA), bem assim como a Empresa Nacional de Aparelhagem Eléctrica, que fabrica as lâmpadas «Lumiar», que hoje são as únicas usadas em todas as repartições e estabelecimentos do Estado...

Os irmãos Cancela de Abreu estão estreitamente ligados com famílias de grandes tubarões fascistas, como sejam as famílias Caroça-Lopo de Carvalho, Pinto Balsemão, Emílio da Silva, etc.

Compreende-se assim que o Eng. Cancela de Abreu queira ao Estado fascista como a menina dos seus olhos... e o guarde com o mesmo cuidado que a chave do seu cofre...

A EXPLOSÃO DA TRAFARIA

Mais vítimas da política de guerra salazarista

AINDA as famílias dos 27 trabalhadores que perderam as vidas com a explosão da Amora, em Novembro do ano passado, não deixaram de chorar os seus entes queridos, e já uma nova e terrível explosão veio espalhar de novo a morte e luto e na miséria a mais famílias de trabalhadores portugueses.

Desta vez a explosão deu-se na Trafaria, na sucursal portuguesa do trust internacional da dinamite «NOBEL», estreitamente ligado ao trust inglês da IMPERIAL CHEMICAL INDUSTRIES, de que são administradores em Portugal o Dr. Caeiro da Mata, ministro dos Negócios Estrangeiros, e o Engº. Sebastião Ramirez, ex-ministro, e vogal da Junta Consultiva da União Nacional. Só o facto de se encontrar a almoçar a maioria dos operários da fábrica, permitiu que o número de mortos se limitasse a três, e a alguns dezenas o número de feridos, pois esse contrário o número de vítimas teria sido de muitas dezenas.

Pouco tempo antes da explosão, a 4 de Março, os jornais tinham noticiado com certo relevo a inauguração oficial duma nova fábrica de explosivos e de detonadores para minas na Fábrica da Trafaria, a que foram convidados os ministros da Guerra e do Interior, o major-general do Exército Passos e Sousa, o chefe do Estado Maior Barros Rodrigues, e muita outra oficialidade. Tratava-se, na verdade, de mais uma fábrica de armamentos, enquadrada dentro dos planos dos ateadores duma nova guerra. Os homens do trust da Imperial Chemical Industries, e os «portugueses» a eles ligados, de acordo com os planos agressivos dos governantes de Nova Iorque e de Londres e em estreita colaboração com o governo de Salazar, instalaram em Portugal mais uma fábrica de engenhos de destruição e de morte.

A explosão da Amora, antes, e agora a explosão da Trafaria, assinalam sangrentamente ao povo português a política de intensa preparação militar em que se lançou o governo, e as suas vítimas são as primeiras vítimas da política de guerra do governo!

No mesmo dia em que o Dr. Caeiro da Mata se dirigia de avião para Washington a assinar a adesão de Portugal ao pacto de agressão do Atlântico, na fábrica de explosivos de que é administrador dava-se uma explosão de nitro-glicerina que vitimava vários operários portugueses. Estes dois acontecimentos funestos estão estreitamente ligados entre si.

Os cabecilhas do fascismo nacional, ligados directa ou indirectamente aos fomentadores de guerra internacionais, procuram arrastar o nosso país para terríveis aventuras militares, querem fazer do povo português carne de canhão para uma nova cruzada anti-soviética e anti-democrática, e não duvidam para isso de pôr em perigo a segurança e independência nacionais, quer fazendo concessões de bases militares aos imperialistas anglo-americanos, quer entregando aos trusts americanos o melhor das riquezas coloniais, quer ainda fazendo do país um arsenal militar, o que está custando somas fabulosas à Nação, e muitas vidas já dos seus melhores filhos.

Contra a política aventureira dos fascistas nacionais e internacionais, contra os seus criminosos preparativos militares, levantar-se-á o povo português, levantar-se-á em primeiro lugar a classe operária, principal vítima destes manejos criminosos, que não está disposta a dar o sangue e a vida por uma causa que é contrária à sua própria causa, por uma causa reaccionária que serve os piores inimigos da democracia e da independência nacional, e procura levar a ruína e a morte aos povos que pacificamente constroiem uma nova vida e uma nova civilização.

Os escândalos na Administração Pública

Reconhecidos pelos próprios fascistas

O recente debate na Assembleia Nacional sobre a administração pública em Angola veio levantar uma ponta do pesado véu que esconde aos olhos do povo toda a escandalosa administração realizada pelos dirigentes fascistas nos mais variados sectores da actividade nacional.

Pelo aviso prévio do deputado Henrique Galvão ficou-se a saber oficialmente que há negociatas de milhares de contos, criminosas para a economia da colónia, operações essas bem reconhecidas ou acusadas até ao governador geral que as deferiu, que há «desvios» dos dinheiros arrecadados para auxílios aos produtores indígenas da borracha e aos pescadores; que os organismos corporativos são uma fonte de roubos e de escândalos sem fim; que um vulgar gatuno tinha sido arvorado pelo Governador em vice-presidente do Conselho do Governo de Angola e em seu ditador económico; que a administração de Angola é uma meretriz colossal, etc, etc.

Ficou-se também a saber que lá, como cá se organizam manifestações exportâncias de aplausos ao governo que são encomendadas pelo mesmo; que até os próprios dados estatísticos são fabricados para mostrar grandezas onde só há faltas ou misérias; e que ninguém está seguro do seu lugar, devido às perseguições políticas.

Esqueceu-se o deputado Henrique Galvão no seu aviso prévio de dizer que a Situação de Angola nada mais é do que um espelho da situação geral do país sob a atual estrutura fascista.

Qual foi a reacção dos deputados fascistas da Assembleia Nacional ao tomarem conhecimento dos roubos e escândalos relatados pelo seu colega Henrique Galvão?

Foi o de lamentarem que esses factos tivessem de ser denunciados publicamente, pois que isso iria dar armas aos inimigos da situação! No entender dos deputados fascistas estes escândalos deveriam ficar ignorados pelo povo português, como têm ficado tantos outros, na política do abafamento.

Os servidores dos trusts e os homens a eles ligados dentro da Assembleia Nacional, um Bustorff Silva, um Botelho Moniz, um Neves da Fontoura, e muitos outros mais, nas suas intervenções atiraram, não os responsáveis pelos roubos e crimes que se praticavam em Angola (porque teriam de figurar também indirectamente como réus nessa causa), mas sim atacaram o deputado que teve a triste ideia de apontar publicamente esses crimes...

Quando da campanha eleitoral não faltaram oradores fascistas a criticar a administração feita em Angola pelo general Norton de Matos, destacando-se nesses ataques o actual ministro das Colónias, capitão Teófilo Duarte, que agora aparece comprometido até aos cabelos em todos esses escândalos. No entanto o general Norton de Matos — tão atacado pelos reaccionários — foi um homem honrado que não procurou aproveitar-se do cargo que ocupava para servir os interesses dos trusts nacionais e estrangeiros, nem receber deles boas «luvas», como sucede com os governadores que ultimamente têm passado por Angola e com o actual ministro das Colónias.

O «aviso prévio» do deputado Henrique Galvão (que tanto escândalo provocou na opinião pública), não é no entanto senão uma pálida e deformada imagem da realidade que é infelizmente bem mais negra do que ele o pintou.

O debate que se travou na Assembleia Nacional mostrou bem aos olhos de toda a gente a preocupação dominante, e têm os dirigentes fascistas de sabê-la em todos os escândalos que surgem dentro da administração fascista e quando estes são frequentes e de vulto.

A censura da imprensa e a falta de liberdades políticas permitem e favorecem a impunidade administrativa pública. Permitem aos fascistas praticarem impunemente toda a sorte de crimes e de roubos, sem que o povo português deles possa tomar conhecimento.

Mobilizemos as Comissões e as massas... (fim)

ção política cada vez mais necessária.

É evidente que esta orientação, como já se disse, implica a participação dos democratas nuas eleições do Estado fascista. E haverá quem diga que isso está em contradição com a orientação seguida nas eleições anteriores e a seguir tirada nas eleições para deputados. (Nestas, continuamos a considerar um erro a não participação da Oposição nas eleições com que pela luta de todos os democratas, homens, mulheres e jovens, se tenham conquistado previamente os três condições mínimas já formuladas quanto às «eleições» à Presidência da República.

Mas há eleições... e eleições. E uma das duvias de Fegueiras, além de não terem a retumbância política das outras eleições, nem são de molde a favorecer, com a participação dos democratas, as manobras políticas do fascismo, nem fazem perigar a unidade da oposição democrática. Pelo contrário, se fracassão o Estado salazarista, se tivermos presente que das Juntas de Freguesia não devem fazer parte só membros democratas mais populares, mas também as pessoas de espírito progressivo, insatisfeitas com o regime fascista.

Portanto, que se impõe desde já? 1º Impõe-se que os organismos dirigentes da Oposição do topo à base, patrocinem e promovam reuniões das Comissões Eleitorais, em que estas debatam a fundo a participação dos democratas nas eleições das Juntas de Freguesia. 2º Impõe-se que, uma vez considerada esta orientação como a melhor, as Comissões Eleitorais acordem na táctica a adoptar antes e durante o período eleitoral. 3º E necessário que as mesmas Comissões vão escolhendo as pessoas que devem constituir as listas oposicionistas e que, de harmonia com a vontade do povo, deverão elaborar e divulgar os cadernos reivindicativos locais.

Estas são as principais tarefas. Porque outras lhe estão intimamente ligadas como sejam a fiscalização do recenseamento, a constituição de mais e mais Comissões Eleitorais por todo o país e o combate aos divisionistas e capituladores; o reforço da unidade com os democratas sinceros e consequentes.

Na concretização desta política e na fase actual da luta legal contra o governo salazarista, mais uma vez as Comissões Eleitorais têm de dar provas de iniciativa, firmeza e, combatividade.

Declassified in Part - Sanitized Copy Approved for Release 2012/02/14 : CIA-RDP83-00415R003200030010-1

Declassified in Part - Sanitized Copy Approved for Release 2012/02/14 : CIA-RDP83-00415R003200030010-1

VI SÉRIE Nº. 155 ABRIL DE 1949 PREÇO $50

Proletários de todos os países: UNI-VOS!

Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

A CRISE ECONÓMICA ATINGE TODA A ECONOMIA NACIONAL

SÓ UM GOVERNO DEMOCRÁTICO Pode salvar Portugal da ruína económica

A TREMENDA CRISE ECONÓMICA em que se debate o país e a miséria cada vez maior das massas trabalhadoras, são o fruto amargo de 23 anos de uma política contrária aos interesses nacionais e ao povo.

Vezes sem conto o Partido Comunista Português advertiu o país para a situação a que estava conduzindo a política antinacional de Salazar. Vezes sem conto o Partido Comunista Português advertiu o povo, de que a continuação da camarilha salazarista no poder representava a ruína da lavoura e pequena produção e o agravamento das condições de vida das massas trabalhadoras. Vezes sem conto o Partido Comunista Português advertiu o País e o povo, de que a política de enfeudamento do País aos fomentadores da guerra anglo-americanos, mais agravaria a situação. Os factos estão comprovando inteiramente as previsões do Partido Comunista Português.

A CRISE ATINGE TODOS OS RAMOS DA PRODUÇÃO

Assim, no norte do País a indústria é forçada a uma paralização parcial por falta de energia eléctrica. Esta situação é devida a incapacidade e incúria do governo que não soube mandar construir centrais térmicas de reserva para substituir a energia hidráulica nos períodos de estiagem. Todos os anos a situação se repete e com ela o desemprego temporário de dezenas de milhar de operários.

A indústria da cortiça vê agravar-se a crise com que se vinha debatendo há muito. Os próprios deputados fascistas da chamada Assembleia Nacional, são obrigados a desmascararem uma situação que se vem agravando de ano para ano, sem que o governo tenha tomado a mais pequena medida prática tendente a evitá-la. A cortiça não encontra colocação nos mercados externos. Cerca de 1 milhão e 500 mil quintais estão amontoados à espera de melhores dias. Só no distrito de Aveiro, das 242 firmas existentes, trabalham apenas 88, e mesmo assim em regime de trabalho reduzido. Milhares de operários debatem-se com o desemprego e a miséria.

Na indústria de conservas de peixe a situação é idêntica. A produção do mes de Novembro de 1948 foi inferior à do mes antecedente em 84.926 caixas (uma caixa 100 latas), e à de Novembro de 1947, em 138.429 caixas!!!

Na agricultura a situação não é menos alarmante. Pelo contrário, ela é bem mais grave. Dezenas de milhar de camponeses estão a braços com o desemprego, a fome e a miséria. De ano para ano a produção agrícola diminui e o governo, incapaz de enfrentar a situação, continua a cantar a ária de que o país é pobre e de que o clima tem sido ingrato para a agricultura, etc..

Impondo preços ruinosos aos produtos nacionais, sobrecarregando a média e pequena lavoura com impostos e taxas de toda a espécie, sendo os adubos cada vez mais caros assim como as alfaias agrícolas, vendo-se os pequenos e médios lavradores entregues a si mesmos, não concedendo créditos baratos e a longo prazo, o governo fascista de Salazar abafa cada vez mais a já reduzida produção agrícola nacional. E, por outro lado, seguindo uma política antinacional de importações maciças de produtos da terra a preços que se negam à produção nacional, não só arruina esta, como agrava a situação de miséria das massas trabalhadoras.

Apesar da demagogia das restrições que se iriam impor às importações, a balança comercial no ano de 1948 acusa um déficit de 6.015.000 contos, contra 5.153.000 no ano anterior. Só de trigo se importaram 215.000 toneladas no valor de 859.000 contos, ou seja ao preço médio de 4 092 o quilo, enquanto a Argentina pagou-se o trigo ao preço médio de 2 42 o quilo, enquanto que ao nacional se impôs o preço de 2 87. Importou-se milho aos E. U. a 2 05, da Argentina a 2 81, enquanto que ao nacional se impôs o preço de 1 55. É aqui está posto a claro o não patriotismo da camarilha salazarista, que não hesita em arruinar os produtores nacionais em favor dos de rangeiro.

Mas não é só na Metrópole que a política anti-económica e antinacional da camarilha salazarista arruina os produtores e leva a fome e a miséria às massas trabalhadoras. Em Angola, os tabelamentos arruinam os produtores. Ao milho foi imposto o preço ridículo de 50$ em 1946, de 1$60 em 1947 e de 1$20 em 1949, enquanto na União Sul Africana se pagou a 2$35. O resultado foi o abandono da cultura do milho. Assim, a exportação da colónia para o continente que fora de 135.088 toneladas em 1946, passou para 44.055 em 1947, baixando em 1948 para apenas 9.000 toneladas, calculando-se para 1949 uma exportação de aproximadamente 25.000 toneladas. E aqui está encontrada a razão da importação de milho do estrangeiro. Também fica mais uma vez posto a claro o patriotismo dos governantes salazaristas que negando-se a pagar preços compensadores aos produtores coloniais não hesitam em pagar pelo milho estrangeiro preços quase tres vezes mais elevados e enviar para lá as nossas reservas ouro.

O PAÍS PODE PRODUZIR MAIS E MELHOR

Mas, para que o possa fazer é condição indispensável que se opere uma modificação radical na estrutura política nacional. Com a camarilha de monopolistas sem-pátria no poder não há que pensar no aumento da produção e do nível de vida do nosso povo. Ao contrário, a sua continuação no poder arrastará o país para a bancarrota.

A produção agrícola aumentará e os camponeses verão a sua situação melhorar, primeiro, e depois tornar-se-á insuportável, somente QUANDO FOR DADA AO PAÍS UMA REFORMA AGRÁRIA VERDADEIRAMENTE DEMOCRÁTICA. MELHORARÁ COM UMA POLÍTICA DE ESTÍMULO E DE PROTECÇÃO DO ESTADO.

A indústria nacional desenvolver-se-á e a sua produção aumentará e tornar-se-á mais barata se LHE FOR DADO UM FORTE ESTÍMULO E PROTECÇÃO DO ESTADO, E SE METIDOS NA ORDEM OS MONOPOLISTAS SEM-PÁTRIA; SE LHE FOREM CRIADAS CONDIÇÕES DE FORNECIMENTO DE MATÉRIAS PRIMAS A PREÇOS NÃO ESPECULATIVOS E ASSEGURADOS MERCADOS VANTAJOSOS PARA OS SEUS PRODUTOS.

Mas, claro que esta política SÓ PODERÁ SER SEGUIDA POR UM GOVERNO DEMOCRÁTICO DE CONCENTRAÇÃO NACIONAL.

O governo fascista de Salazar, pelos interesses que representa e defende não poderá seguir uma tal política. A CONTINUAÇÃO DA POLÍTICA SALAZARISTA SIGNIFICARÁ PARA O PAÍS A RUÍNA TOTAL DA SUA AGRICULTURA, DA SUA INDÚSTRIA, A PERDA DOS POUCOS MERCADOS QUE LHE RESTAM, SIGNIFICARÁ UMA MISÉRIA AINDA MAIOR PARA AS MASSAS TRABALHADORAS.

O GOVERNO É INCAPAZ DE RESOLVER A SITUAÇÃO

Segue na página seguinte.

APÊLO

Por um maior auxílio financeiro ao Partido

PARA levar a cabo as novas tarefas resultantes da repressão policista e no sentido da defesa dos seus quadros e organizações, o Partido precisa de um maior auxílio financeiro.

Apelamos, pois, para todos os militantes e organizações para que se esforcem por aumentar a sua própria contribuição, para aumentarem o número de grupos de «Amigos do Partido» e as «Comissões de Auxílio».

E que novas modalidades de recolha de fundos sejam postas em prática, nos seus sectores de actividade.

Estamos certos de que todos os militantes, simpatizantes e Amigos do Partido compreenderão a situação que o Partido atravessa e que, por isso, não regatearão esforços e sacrifícios no sentido de proporcionarem os fundos necessários para vencermos mais uma vez os ataques furiosos do governo e do seu bando de assassinos — a PIDE.

Que por toda a parte se constituam grupos de Amigos de Álvaro Cunhal e Militão Ribeiro, assim como de Francisco Miguel, Guilherme da Costa Carvalho e de outros camaradas presos.

UNIDOS E FIRMES NA LUTA CONTRA O TERROR POLICIAL

SALVEMOS Alv. Cunhal e Militão Ribeiro

A prisão destes dois dirigentes queridos do nosso Partido, prisão que representa um duro golpe para o Partido dos trabalhadores portugueses, não fará de modo algum, calar a voz da maior e melhor organização anti-fascista de Portugal, não fará parar a voz do Partido Comunista Português.

ÁLVARO CUNHAL e MILITÃO RIBEIRO, bem como os outros dirigentes do nosso Partido, são dos grandes exemplos de firmeza perante o inimigo, de valor combativo, de dedicação sem limites, de espírito de sacrifício e de digno comportamento nas prisões fascistas.

Não é a primeira vez que **ÁLVARO CUNHAL e MILITÃO RIBEIRO** caem nas garras do bando de assassinos da PIDE. **ÁLVARO CUNHAL** foi preso pela primeira vez em 1937. Os bárbaros espancamentos de que então foi vítima, foram dirigidos superiormente pelo celerado capitão Agostinho Lourenço, chefe supremo da PIDE. Preso de novo em 1940, como da primeira vez, torturado barbaramente a que tal a mínima declaração à polícia.

MILITÃO RIBEIRO, preso pela primeira vez em 1934 [illegible] sofreu todas as masmorras fascistas. Esteve **6 ANOS PRESO, 4 DOS QUAIS NO CAMPO DE MORTE LENTA DO TARRAFAL.** Preso de novo em 1942, pouco tempo esteve nas prisões do continente. Preso em 1945 pela segunda vez para o Campo de Concentração do Tarrafal aí permaneceu até fins de 1945. Como Álvaro Cunhal, recusou-se sempre a fazer declarações à polícia.

Preso pela terceira vez em 25 de Março passado, **as suas vidas estão em perigo, por se negarem a prestar a mínima declaração à polícia.**

A ofensiva policial lançada contra o nosso Partido Comunista tem por fim destruir a vanguarda do povo trabalhador do nosso país e o mais firme e consequente defensor na União Nacional. Eis tem por fim criar o pânico e a confusão nas fileiras democráticas, com o objectivo de tornar fácil a sua liquidação e de isolar o nosso Partido. E para isso, o governo conta com o auxílio dos provocadores e divisionistas do tipo Cunha Leal & Cª.

Mas o Partido, como sempre o tem sabido fazer, saberá tapar as brechas abertas e reorganizar-se-á rapidamente à esta nova onda de terror, melhorando cada vez mais o seu trabalho e inspirativo, reforçando cada vez mais a sua organização, intensificando a sua luta, ligando cada vez mais a sua acção às grandes massas populares, orientando-as e conduzindo-as nas suas lutas contra a tirania salazarista, pelo Pão, pela Paz, pela Independência.

A luta pela libertação das centenas de democratas de Peniche, Caxias, Aljube, Sto. Tirso, Alcoboça, Monsanto, Machava, Lisboa, Ribatejo, Alentejo, Algarve, Ilha da Madeira, etc., há que juntar a luta **pela libertação de Álvaro Cunhal e Militão Ribeiro** e dos outros comunistas presos, como **Francisco Miguel e Guilherme da Costa Carvalho** e contra os **maus tratos** e **suplícios** infligidos pelo bando da PIDE (**Gestapo portuguesa**) aos militantes do nosso Partido e outros democratas.

Nesta luta devem participar todos os democratas, todos os homens e mulheres, todos os jovens, rapazes e raparigas, todos aqueles que querem um Portugal Democrático, Livre e Independente.

PORTUGAL E O PACTO DO ATLÂNTICO

O PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS, À FRENTE DAS MASSAS POPULARES INTENSIFICARÁ A LUTA PELA PAZ E INDEPENDÊNCIA NACIONAL

DEPOIS de fazer concessões ruinosas das riquezas nacionais aos monopolistas anglo-americanos e depois de comprometer a soberania nacional com a cedência de bases aero-navais; depois de permitir que o país seja o centro de conspirações de reis sem trono e de aventureiros internacionais — Salazar remata a sua política de traição nacional com a adesão ao Pacto do Atlântico.

Por este grave passo, o nosso país foi atrelado completamente ao carro de guerra dos imperialistas norte-americanos. O território da metrópole transforma-se num futuro campo de batalha. E o povo português será a «carne de canhão» que Salazar, Santos Costa & Cª. (sacaios dos magnates da Wall Street) põem à disposição dos seus patrões, para a conquista da hegemonia mundial.

Que a adesão ao Pacto não foi motivada por razões de segurança nacional, demonstram-no estas palavras do ministro dos estrangeiros, Caeiro da Mata, no acto da assinatura: «O meu país (...) não atendeu, posso afirmá-lo, ao aspecto exclusivo da sua própria segurança. Fê-lo talvez mais ainda perante o reconhecimento da necessidade de trazer a sua cooperação a este grande empreendimento.»

Quer dizer que foi o ódio à U.R.S.S., às Democracias Populares e aos povos progressivos do mundo, assim como o seu desejo de restabelecimento dos regimes fascistas na Europa, mesmo à custa da sangue português, o que levou o governo traidor de Salazar à assinatura do Pacto do Atlântico. E como se isto não fosse já demasiado grave para o nosso país, Salazar vem de seguida declarar que «a ausência da Espanha enfraquece o Pacto», isto é: apresenta-se a apadrinhar a admissão da Espanha de Franco, no intuito de fazer da Península Ibérica uma praça de armas da reacção mundial.

É bem evidente que os compromissos agora assumidos com a adesão ao Pacto PERMITIRÃO AS GRANDES POTÊNCIAS FAZEREM MAIORES EXIGÊNCIAS SOBRE O NOSSO PAÍS E LEVARÃO O GOVERNO A NOVAS CONCESSÕES, ALIENANDO A SOBERANIA NACIONAL E IMPONDO AO NOSSO POVO MAIORES SACRIFÍCIOS E TRIBUTOS.

Bem pode o cínico ministro Caeiro da Mata afirmar que foi condição da nossa adesão ao Pacto não serem instaladas bases militares nos Açores, EM TEMPO DE PAZ, por nações estrangeiras. A dura realidade, apesar das camuflagens dos governantes e da censura salazarista, é que nos Açores, em Cabo Verde e aqui na Metrópole estão instaladas ou preparam-se bases estratégicas e zonas de guerra.

Que significado tem o Congresso Internacional de Geografia, efectuado agora em Lisboa, senão um suspeito interesse dos geógrafos militaristas estrangeiros pela posição estratégica de nosso país?

Que significa a Conferência para o Progresso das Comunicações e Transportes em África, anunciada por Caeiro da Mata e a realizar em Lisboa no próximo mês? Significa a ingerência dos representantes das grandes potências nas nossas colónias, como por exemplo os E.U., que foram convidados mas que nem sequer têm territórios em África. Significa também uma maior penetração do capital financeiro e monopolista anglo-americano, para exploração dos centros vitais de Angola e Moçambique.

Pela mão de Salazar e da camarilha, Portugal enredou-se na teia dos fomentadores de guerras e bem pode ser vítima do choque dos interesses imperialistas. Assim, já a África do Sul aparece a sugerir uma aliança ou pacto com as potências coloniais do continente negro, o que quer dizer que o governo fascista da África do Sul, decerto com o apoio da Inglaterra, se apronta para ligar as pequenas nações coloniais (especialmente Portugal e seu visinho) às suas ambições de exploração e domínio africano.

Não é um governo que fomenta a desunião e a discórdia entre o povo do seu país; não é um governo que entrega parcelas do território nacional em troca de um apoio estrangeiro para se manter no poder; não é, enfim, um governo que suplica, logo a seguir à assinatura do Pacto do Atlântico, um empréstimo de 2$ milhões de dólares, que tem autoridade e força para se impor às ambições dos potentados imperialistas, e para acautelar os interesses superiores da Nação Portuguesa.

Só um governo Democrático de Concentração Nacional, eleito e apoiado pelo povo, terá força e autoridade para realizar uma política externa de convívio com

Segue na página 2

Declassified in Part - Sanitized Copy Approved for Release 2012/02/14 : CIA-RDP83-00415R003200030010-1

Declassified in Part - Sanitized Copy Approved for Release 2012/02/14 : CIA-RDP83-00415R003200030010-1

Perante a nova vaga de terror salazarista

Defendamos da garra policial os nossos militantes e os democratas presos

UMA nova vaga de terror policial percorre o país, de norte a sul. Centenas de democratas são atirados para as prisões sua antiga, o que mostra a cobardia da polícia e do governo, que se viu impotente para vencer durante o período eleitoral, a vez dominadora da Oposição.

Não é por acaso que esta ofensiva policial se segue ao período de «liberdade condicionada» e que a demagogia cede o passo ao terrorismo político.

A manobra eleitoral com que o fascismo calculava lista esperava dividir a Oposição e isolar o nosso Partido, não surtiu efeito. Pondo em campo os seus agentes divisionistas, como o nazi Botelho Moniz, fazendo promessas a certos democratas, desenvolvendo uma intensa campanha anti-comunista e, sobretudo, contando com a acção dos oportunistas em favor da participação nas «eleições» Salazar e a sua camarilha tinham como certo estacelar a Unidade dos democratas e conseguir uma «vitória retumbante» nas urnas, que melhor justificaria a repressão sôbre os democratas mais consequentes. Enganaram-se, porém, redondamente. O Partido Comunista, não só deu todo o seu esforço para o desenvolvimento do Movimento Eleitoral, como também mobilizou as massas trabalhadoras, patrocinou a formação de milhares de Comissões Eleitorais, e defendeu e fez prevalecer a mais justa Orientação da Campanha pela Candidatura do Sr. general Norton de Matos. Este, por sua vez, como verdadeiro democrata, declarou publicamente que não rejeitava o apoio dos comunistas. E a Oposição Democrática e, nomeadamente o nosso Partido, apareceu perante o país e o estrangeiro como grandes forças políticas, capazes de mobilizarem as mais vastas camadas da população e de levarem estas à luta política.

Daí não ter apenas o choque sofrido e a grande vitória obtida pelo nosso Partido que levou o fascismo a esta ofensiva policial.

A necessidade da política interna, juntaram-se outras razões de política externa. Neste momento em que Portugal adere ao pacto do Atlântico, ligando-se abertamente à política de guerra dirigida pelos E. U., o governo de Salazar precisa de mostrar aos seus patrões anglo-americanos que está senhor do país e que a Oposição ao regime não passa de uma minoria e em desagregação. Todavia, os governantes salazaristas sabem que não podem abafar por muito tempo o descontentamento crescente do povo pela sua política de traição nacional e perante a agudização de crise económica. E daí os esforços desesperados do governo para fazer calar as vozes dos patriotas; daí a ofensiva policial contra todos os democratas.

Muitas brigadas da polícia foram espalhadas pela província, e mobilizadas as autoridades locais para dar caça aos comunistas e a outros democratas. Centenas de prisões têm sido feitas, principalmente no Minho(S. to Tirso, Famalicão e Fafe, etc.) e em Aveiro, Marinha Grande, em Lisboa, o bando de assassinos da PIDE coadjuvados pela P.S.P. fazem abordagens e revistas em plena rua e assaltam prédios inteiros, com o propósito evidente de aterrorizar a população da capital do país.

LONGE DE MOSTRAREM FORÇA COM OS SEUS MÉTODOS HITLERIANOS, SALAZAR E O SEU BANDO DEMONSTRAM A EXTREMA FRAQUEZA DO REGIME, A SUA INCAPACIDADE GOVERNATIVA, O SEU MEDO DAS MASSAS POPULARES E DEMOCRÁTICAS.

Não pode ser considerado como um êxito, porque teve origens em causas acidentais, a prisão dos dirigentes queridos do nosso Partido — **ÁLVARO CUNHAL e MILITÃO RIBEIRO.** Se bem que haja sido um sério golpe, o Partido Comunista Português, como se diz no manifesto da Secretariado — «NÃO ABROUXARÁ EM NADA A SUA ACTIVIDADE. NÃO RECUARÁ UM PASSO NA LUTA QUE VEM TRAVANDO CONTRA A POLÍTICA ANTI-NACIONAL DA CAMARILHA SALAZARISTA, CONTRA A OPRESSÃO A QUE OS FASCISTAS SUJEITAM O NOSSO POVO».

O nosso Partido sabe por experiência que a vaga de terror será desfeita e a ofensiva policial fracassará, como anteriormente tem sucedido, se as democratas e o povo em geral se mantiverem unidos e calmos e inabaláveis na sua disposição de luta contra o fascismo. Com a consciência da sua força, as massas democráticas devem resistir a todas as tentativas de intimidação e de provocação policiais. É seu dever também defenderem a vida dos presos, lutando pela melhoria da sua situação.

Os recentes julgamentos dumas dezenas de democratas de Tomar e do Algarve, dos quais muitos foram condenados a meses de prisão maior, na alternativa de degredo, mostram bem a vontade dos governantes fascistas de atirarem com novas levas de patriotas para o Campo de Concentração do Tarrafal. O governo salazarista — fascista de salazar prepara novas deportações, novos assassinatos dos melhores filhos do nosso povo.

É preciso, portanto, que todos os democratas, em todo o país, escrevam cartas e enviem telegramas às autoridades e ao governo, protestando contra as prisões ilegais ilegítimas e as violências da PIDE.

Que em cada povoação onde haja presos políticos, as famílias destes e os democratas organizem Comissões de Solidariedade e de Defesa dos Presos.

Que por toda a parte, especialmente nas cidades, se intensifique a campanha pró-amnistia de todos os presos políticos e pela extinção do Campo de Concentração do Tarrafal.

Neste sentido há que desmascarar a falsidade da proposta de amnistia apresentada pelo nazi Botelho Moniz, assim como devem chegar à chamada Assembleia Nacional fascista, novas listas e as vibrantes vozes das mulheres portuguesas reclamando a libertação dos presos e que se ponha cobro imediato ao terrorismo da PIDE.

Aos militantes do nosso Partido compete, principalmente nestes momentos, manterem a mais vigilante unidade nas suas secções e organizações, exigirem a direcção do Partido, e em especial do seu Comité Central, o cumprimento rigoroso das regras orgânicas e as instruções do Director do Partido.

A ofensiva policial fascista quebrar-se-á de encontro à vontade e firmeza das massas trabalhadoras e galgará todo nosso Partido, e perante a força duma nova vaga de todo o povo progressista.

FACE AO AGRAVAMENTO DO CUSTO DE VIDA

Intensifiquemos as lutas de massas

AS massas trabalhadoras, especialmente a classe operária sabem com larga experiência que é pelas lutas de massas que vêm satisfeitas as suas reivindicações mais prementes, que é pelas lutas de massa que conseguem suster a exploração desenfreada do patronato e do governo.

A história de um passado recente dá-nos conta de inúmeras vitórias das classes trabalhadoras do campo e da cidade, através das lutas parciais por empresa, por rancho, por ramo de indústria e por região.

Sabendo que a força do proletariado está na **unidade** e na **acção** das massas, os trabalhadores formaram as suas **Comissões de Unidade,** organizaram e popularizaram os seus **cadernos reivindicativos** e lançaram-se na luta pela satisfação dessas reivindicações. Foram as lutas parciais, encabeçadas pelas **Comissões de Unidade,** que lhes deu a vitória sobre a exploração dos baixos salários, sobre o mercado negro, sobre as falsificações dos géneros, sobre tudo e sempre as lutas parciais que abrirão caminho para o levantamento nacional que há-de derrubar o fascismo salazarista, o grande responsável pela miséria do povo português.

* * *

O agravamento actual do custo de vida (os aumentos já havidos nas rendas de casa e nos transportes, a falta de géneros em mercado livre e as perspectivas do mercado negro com todas as suas consequências) impõe que o proletariado intensifique as lutas reivindicativas nos seus sectores de trabalho, apresentando-se junto dos patrões e dos dirigentes dos sindicatos respectivos, a fazerem valer os seus direitos e a conseguirem êxitos nas suas justas reclamações.

Assim o compreendem os operários de algumas empresas de Lisboa e arredores, que, por intermédio das suas Comissões de Unidade, estão a levar avante e com êxito movimentos reivindicativos.

Os operários e operárias das secções de torcedura e fiação da **Fábrica de Tecidos de Peres Ferreira,** de **Lisboa,** tinham sido obrigados pela direcção da empresa a fazerem horas extraordinárias desde Maio de 1946 a Agosto de 1947. Os patrões negaram-se sempre a pagar essas horas com o aumento de 50% como é da lei. Depois de várias idas à gerência, os operários constituíram a sua Comissão de Unidade para tratar do assunto junto do Sindicato. O presidente deste, o fascista Américo Serrano, num intuito de atemorizar os operários, acusou os membros da Comissão de serem comunistas e fez-lhes várias ameaças. Mas os valentes operários da Comissão não se deixaram atemorizar e, sempre apoiados por todos os operários, recorreram para o I.N.T. e depois para o Tribunal do Trabalho. Devido à sua luta persistente, os operários viram por fim coroados os seus esforços, recebendo indemnizações de 400$00 a 2.500$. Agora em algumas secções, os operários têm feito serões **mas pagos com os 50%.**

Uma Comissão constituída por operários das **Fábricas de Penteação de Lãs de Alhandra, Textil de Sacavem e Oriental de Tecidos de Chabregas,** acompanhados pelo presidente do seu Sindicato, foram ao I.N.T. apresentar vários problemas relativos à situação dos operários da **Indústria Textil.** O secretário de Subsecretário das Corporações que recebeu a Comissão, pretendeu considerar o movimento dos operários como tendo carácter político, o que a Comissão contestou, tornando bem clara as pretensões dos operários. Uma outra Comissão representando todas as secções da **Fábrica Textil de Sacavem** avistou-se com o patrão, a quem pediu um aumento de 15%. Naquelas e nesta empresa a luta dos operários continua.

O pessoal de fogo da **Fábrica de Louças de Sacavem** esteve pela luta um aumento de 5$00 no seu salário.

Na **Fábrica Previdente,** secção de trefilaria em **Sacavem,** devido à movimentação dos operários houve um aumento geral de salários, que para a secção de serralharia foi de 4$00.

Também na **Fábrica de Móveis Olaio, Sacavem,** os operários conseguiram aumento de salários. Como os meios não foram abrangidos, lançaram-se à luta pelos seus aumentos.

Na **Fábrica de Papel da Abelheira, Tojal,** as valentes operárias da escolha de papel, depois de uma grande luta em que **todas participaram,** conseguiram um aumento de 2$00 para cerca de 70 mulheres, e com promessa de aumento para todo o pessoal, **pelo que a luta deve continuar até à vitória completa.**

Os **motoristas de Carcelas,** em grande número nesta região, viram dificultados o seu direito a médico pela Federação das Caixas de Previdência. Por isso, nomearam uma Comissão que já entregou ao director dos serviços da Federação uma exposição assinada por muitos motoristas e por todos os industriais de camionagem.

Trabalhadores! Avante na luta pelas vossas reivindicações!

OS PARTIDÁRIOS DA PAZ

Respondem aos fomentadores de guerras

RESPONDENDO aos fomentadores de guerra internacionais, liderados pelos imperialistas rapaces norte-americanos, os povos do mundo inteiro, tendo à cabeça a grande União Soviética e os países da Democracia Popular, levantam-se para a luta em defesa da PAZ e da colaboração pacífica internacional.

Em todos os países do mundo, os partidários da PAZ, fazem os últimos preparativos para a participação no grandioso Congresso Mundial dos Partidários da Paz, a realizar em Paris no próximo dia 21 do corrente.

O Congresso tem já assegurada a participação de mais de dois mil delegados de mais todos os países do mundo, representando cerca de 600 milhões de pessoas. Este número, que representa aproximadamente 25% da população do mundo, é uma prova concludente de que os povos querem a PAZ e estão dispostos a lutar por ela, estão dispostos a fazer fracassar os planos agressivos dos novos pretendentes à hegemonia mundial — os imperialistas norte-americanos e os seus satélites ingleses. Este grandioso movimento de luta pela PAZ, prova à evidência que os povos não sancionam, de modo algum, a política de guerra dos seus governantes reaccionários, consubstanciada nos agressivos Pacto de Bruxelas e recentemente do Pacto do Atlântico.

Aderindo ao Pacto do Atlântico, os governantes salazaristas, comandados de Washington e Londres preparam-se para transformar Portugal numa praça de armas ao serviço dos imperialistas anglo-americanos e para arrastar a nossa juventude e o nosso povo para aventuras guerreiras condenadas de ante-mão ao fracasso.

Não podendo participar no Congresso, como seria seu desejo, o povo de Portugal, solidarizar-se-á com o Congresso, e juntificar a sua luta contra o regime salazarista, porque lutar pelo seu derrubamento e por um regime verdadeiramente democrático, é a melhor forma de se lutar efectivamente pela PAZ.

A CRISE ECONÓMICA (conclusão)

O governo salazarista, pela política que defende, isola-se cada vez mais do povo. Amarrando o País aos tentáculos do Plano Marshall e recentemente ao Pacto agressivo do Atlântico Norte, entregou definitivamente o destino da economia nacional aos apetites insaciáveis dos monopolistas da Wall Street e da City. Os empréstimos de 2.000 000 de contos, primeiro, o pedido de 700 000-000 de dólares depois (o abrigo do Plano Marshall (satisfeito na décima parte) e agora um novo pedido de 28 000-000 de dólares para financiar a compra de trigo nos E. U., demonstram que a camarilha salazarista longe de salvaguardar os interesses nacionais os coloca mais e mais à rapacidade dos seus patrões anglo-americanos pretendentes à hegemonia mundial. Significa, por outro lado, que ele é incapaz de solucionar a grave situação em que se debate a economia nacional, pois essa não é a vontade dos seus patrões de além Atlântico.

Não será também por falta de avisos e preceitos na chamada Assembleia Nacional, pedindo a reposição do Ministério da agricultura (o que, aliás, é justo), ou por discursos demagógicos dos deputados e dos delegados à Câmara Corporativa que os problemas nacionais serão resolvidos no interesse da Nação e do povo. O mal não está na falta de um ou outro ministério, o mal está no próprio regime. Ao contrário do que disse o deputado fascista Rui de Andrade, tanto a Câmara Corporativa como a Assembleia Nacional, são órgãos do mesmo Estado corporativo, são rodas da mesma engrenagem sugadoura e estranguladora das forças produtivas da Nação.

A solução está, sim, nas mãos do povo português. ELA CONSISTE NA INTENSIFICAÇÃO DAS LUTAS POPULARES DE CARACTER REIVINDICATIVO E POLÍTICO COMO PRELÚDIO DO LEVANTAMENTO EM MASSA DA NAÇÃO COM VISTAS A ESCORRAÇAR DO PODER A CAMARILHA ANTINACIONAL SALAZARISTA, SUBSTITUINDO-A POR UM GOVERNO DEMOCRÁTICO DE CONCENTRAÇÃO NACIONAL, ÚNICO CAPAZ DE CONDUZIR O PAÍS PELA SENDA DO PROGRESSO E DO BEM-ESTAR DO SEU POVO.

Portugal e o Pacto do Atlântico (fim)

todos os países pacíficos, uma política de paz e de progresso para o povo português, pelo aproveitamento e valorização das nossas forças de produção e pelo desenvolvimento social, técnico e cultural de toda a população portuguesa.

É por esse governo de concentração nacional que o Partido Comunista tem lutado e continuará a lutar cada vez mais, ligado às massas trabalhadoras. É pelo desaparecimento total do regime Salazarista que devem lutar também, nas frentes legal e clandestina, todos os democratas e patriotas portugueses.

O Partido Comunista Português não deixará sem lutar e sem alertar constantemente o povo, como sempre tem feito, não deixará de lutar, repetimos, que o território português seja especialmente pelas hutifarras de exércitos agressores, nem que os filhos de Portugal sejam sacrificados numa guerra de agressão, à ganância das grandes potências imperialistas.

O povo português NÃO SANCIONA A ADESÃO DE PORTUGAL AO PACTO DO ATLANTICO que é um instrumento agressivo e de divisão do mundo. O POVO PORTUGUÊS QUER A PAZ E A INDEPENDÊNCIA DA SUA PÁTRIA — E DEFENDE-LAS-Á!

RÁDIO MOSCOVO

AVISAMOS OS NOSSOS LEITORES DE QUE A PARTIR DO DIA 13, RÁDIO MOSCOVO EMITE PARA PORTUGAL AS 22,30 HORAS EM ONDAS CURTAS PELOS COMPRIMENTOS DE 25,47; 30,67 E 30,90.
PARA O BRAZIL NOS COMPRIMENTOS DE 19,43; 25,55; 25,79 E 30,90.

Declassified in Part - Sanitized Copy Approved for Release 2012/02/14 : CIA-RDP83-00415R003200030010-1

Declassified in Part - Sanitized Copy Approved for Release 2012/02/14 : CIA-RDP83-00415R003200030010-1

Abril de 1949 Ano II Nº 24 Preço 3 tostões

O Camponês

Orgão de Unidade dos Camponeses

Por vontade do salazarismo, a situação das classes trabalhadoras seria ainda mais trágica. A mentalidade dos fascistas é a daquele grande senhor germanófilo alentejano que dizia: «só acredito que os pobres passem fome quando os vir a comer palha». Mas decididamente o povo português não se tem mostrado disposto a proporcionar esse espectáculo aos fascistas.

De «O Caminho Para O Derrubamento Do Fascismo».

SÓ A REFORMA AGRÁRIA DEMOCRATICA

acabará com a miseria nos campos!

Façamos Barreira á Repressão

Uma violenta onda de repressão acaba de ser desencadeada pelo bando de assassinos às ordens de Salazar contra as forças democráticas do nosso país, em especial contra o glorioso **PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS**!

As forças anti-fascistas acabam de ser profundamente atingidas — **ALVARO CUNHAL, MILITÃO RIBEIRO** e mais cinco valentes lutadores e lutadoras, quatro dos quais trabalhavam na tipografia do nosso querido e heroico companheiro de luta, o «**AVANTE!**» caíram nas garras assassinas da P.I.D.E!

Os fascistas não escondem o seu furor pelo papel de direcção que o Patido Comunista tem tido na condução das lutas do nosso povo, quer no terreno político, pela liberdade e pela independência da nossa pátria, quer no terreno económico, pela conquista de melhores condições de vida para o povo português. Os traidores salazaristas não ignoram a clarividência política daqueles dirigentes queridos do Partido, Comunista e o papel destacado do «**AVANTE!**» e de toda a imprensa do nosso Partido no desmascaramento da sua política de miséria, de terror e de traição nacional. Salazar sabe muito bem que não poderá arrastar o país para uma criminosa guerra de agressão à U.R.S.S. ao serviço dos interesses de rapina dos imperialistas anglo-americanos enquanto existir a indestructivel fortaleza que é o **PARTIDO COMUNISTA PORTUGUES**. Daí a raiva feroz com que procura aniquilá-lo, prendendo os seus dirigentes mais queridos e tentando abafar a voz da sua imprensa, que é a própria voz da nação oprimida.

Apesar dos duros golpes sofridos, o Partido Comunista não será aniquilado A Direcção do nosso Partido continua no seu posto de combate e, sem qualquer interrupção, a voz do «AVANTE!» continuará a mobilizar as massas do nosso povo contra a criminosa política de Salazar!

O mesmo não poderemos dizer em relação às vidas dos heroicos combatentes agora caídos nas garras da P.I.D.E. — Álvaro Cunhal está gravemente doente, Militão Ribeiro tem a saúde arruinada pelos longos anos passados nas prisões salazaristas, dos quais mais de cinco no sinistro Campo de Concentração do TARRAFAL e António Lopes sofre de uma doença pulmonar, contraída na dureza da vida clandestina. Os fascistas procurarão aniquilar Álvaro Cunhal — uma das mais vigorosas inteligências nacionais ao serviço do povo português — e os outros camaradas presos, sugeitando-os a torturas e enviando-os para o maldito TARRAFAL, se uma enterga campanha pela libertação destes heroicos anti-fascistas não impedir os assassinos da P.I.D.E. de levarem por diante os seus intentos.

«O CAMPONÊS» ao chamar os camaradas camponeses e camponesas à luta pela libertação de Cunhal e Militão, aponta a contribuição decisiva do Partido Comunista e destes dois queridos dirigentes para o combate aos exploradores fascistas, guiando os camponeses no caminho da UNIDADE e da LUTA como única forma de nos libertar da opressão do salazarismo e dos grandes senhores da terra. Camaradas camponeses e camponesas! Protestemos contra a prisão dos sete patriotas exigindo a comunicabilidade imediata para todos, e responsabilizando o govêrno pelas suas vidas! Que milhares de cartas caiam sobre as autoridades fascistas e que milhares de inscrições cubram as estradas e as paredes do país exigindo um tratamento humano para os camaradas presos!

A situação a que o salazarismo reduziu as massas camponesas assume hoje aspectos da mais negra tragédia. — Milhares de famílias dos trabalhadores rurais estão condenadas a morrer de fome, vítimas do desemprego e da vil exploração dos grandes agrários fascistas, ao passo que aqueles que amanham um pedaço de terra de renda ou de parceria, e que a desbravam com o seu suor, são obrigados a abandoná-la por não poderem com os encargos do cultivo, e que, finalmente, os possuidores de pequenas courelas, que lhes foram legadas pelos seus avós ou obtidas à custa de penosos sacrifícios são forçados a vendê-las ao desbarato ou a passá-las para as garras dos agiotas e dos agentes do fisco. A política salarista, com todo o seu cortejo de salários miseráveis e de desenfreada exploração dos que trabalham: de pesadas contribuições e de tabelamentos injustos para o produtor; de desprêzo pelos interesses da pequena e média lavoura e de descarada protecção aos grandes lavradores, é a causa principal do agravamento da situação das massas camponesas.

Porém, o mal de raiz da grande miséria que reina nos campos e da crise que roi a agricultura nacional, tem a sua origem na injusta repartição das terras, a qual sob o reinado do salazarismo, mais e mais se tem agravado em benefício dos ricos possuidores. Mais de meio milhão de camponeses não têm de seu um palmo de terra e milhares doutros não possuem dela senão uma pequenissima parcela, enquanto umas escassas dezenas de parasitas, alheios às preocupações da produção e do amanho das terras, possuem grandes herdades, algumas com milhares de hectares, votadas numa grande parte aos longos pousios e ao montado e com grandes áreas abandonadas ao inculto.

Por exemplo: o latifundiário Samuel dos Santos Jorge, possui terras num total de 23 mil hectares, ou seja, uma área maior que todo o concelho de Riomaior que tem 27.740 hectares e 16.576 habitantes e onde existem 6.503 proprietários: a família do Rui de Andrade possui terras num total de 24 mil hectares, ou seja, uma área maior que todo o concelho de Montemor-o-Velho que tem 23.500 hectares e 27.912 habitantes e onde existem 12.667 proprietários; quer dizer: só estes dois grandes agrários têm mais terra que os 19.170 de Riomaior e Montemor-o-Velho reunidos.

Assim uma das primeiras tarefas do regime democrático que sairá infalivelmente das lutas do nosso povo, tem de ser a revisão total do sistema de propriedade, a consequente liquidação do latifundio e a distribuição das terras dos grandes agrários fascistas pelos camponeses sem terra, trabalhadores ou rendeiros, e pelos pequenos proprietários.

Eis porque a questão da reforma agrária democrática tem de ser desde já uma bandeira de luta das massas camponesas pela Democracia, como unica forma de acabar com a fome e o desemprego nos campos e de solucionar a crise da agricultura nacional.

Só a reforma agrária democrática dará aos camponeses a terra, a ajuda técnica, os adubos os adubos e as sementes seleccionadas, créditos baratos e a longo praso e a garantia dum preço compensador para os seus produtos.

É porque sabem isto que os grandes agrários se mostram como os principais defensores do regime anti-popular e anti-nacional de Salazar.

HÁ QUE IR BUSCAR O PÃO ONDE ELE O HOUVER

A crise de trabalho nos campos do Alentejo e do Ribatejo não poderá ser liquidada completamente enquanto a actual divisão da propriedade existir no nosso país e a frente do poder se encontrar um governo que faça o frete aos grandes lavradores, votando ao mais completo desprezo as massas trabalhadoras do campo, como faz o governo salazarista.

Nós, camponeses, devemos partir desta certeza para melhor orientarmos a nossa luta contra o desemprego e obrigarmos o salazarismo e os grandes agrários a realizarem aquelas medidas mais urgentes para resolver a nossa aflitiva situação.

No ano que está decorrendo há que esperar um novo e sério agravamento das duras condições de vida das massas camponesas. Tal agravamento é devido, em primeiro lugar, às criminosas importações macissas da batata e do trigo e a criminosa política de preços realizados pelo salazarismo. Empobrecidos e arruinados os pequenos e médios lavradores não puderam arcar com os encargos das sementeiras ou perderam pura e simplesmente as suas terras. Por sua vez os grandes agrários, mais interessados na cultura do montado e na criação de gados do que na cultura cerealífera, deixaram criminosamente incultas nos seus latifundios, mais extensas áreas de boa terra de semeadura. E a acrescentar a tudo isto as condições desfavoráveis do tempo, vieram trazer novas dificuldades.

Quere dizer: este conjunto de coisas provocou uma grande redução da área cultivada e reduziu mais ainda a possibilidade de emprego dos braços camponeses.

Isto significa que se aceitássemos este estado de coisas, os nossos filhos estariam condenados a morrer de fome e a nossa vida seria um inferno de miséria e de exploração. É esse o desejo dos grandes agrários, como o Joaquim Rosado Fernandes que o disse numa entrevista aos jornais e os Nunes Mexia, Mira Galvão, Figueiroa Rego, Rui de Andrade, Melo Machado e toda a seita de latifundiários que na Assembleia Nacional fascista se esforçam por fazer a vida negra às famílias camponesas. Mas nós, camaradas camponeses e camponesas, temos uma arma poderosa uma arma que obrigará a pagar as consequencias da crise aos bandidos que a provocaram — os homens do governo e os grandes lavradores seus protegidos. Com essa arma temos impedido uma maior baixa nos jornais e obrigado o governo e os agrários a abrirem trabalhos e a concederem subsídios para os sem trabalho. Essa arma camaradas camponeses e camponesas, é a nossa UNIDADE COMBATIVA e com ela obteremos novas vitórias até à liquidação total dos exploradores fascistas. Unidos forçaremos o governo e os grandes lavradores a concederem novos subsídios e abrir trabalhos para os desempregados. Juntemo-nos todos, e com as nossas mulheres e filhos para que os fascistas vejam bem as consequências da sua criminosa política, dirigimo-nos às Casas do Povo, às Juntas e Câmaras, às Administrações e Governos Civis e aos delegados do I.N.T. e exigimos medidas mais profundas para debelar a crise. Façamos abaixo assinados reclamando a abertura de trabalhos públicos e obras de assistência aos desempregados. Elaboremos listas dos camaradas sem trabalho e enviemo-las às autoridades fascistas reclamando pão e trabalho e jornas suficientes para todos. Exigamos novos subsídios e vigiemos a sua aplicação, através das nossas comissões de unidade, pois os grandes agrários instalados nas Casas do Povo, manobram para que apenas alguns camaradas trabalhem afim deles poderem ter mão de obra barata a sua disposição.

Se apesar-de tudo, o governo e os grandes agrários não nos quizerem ouvir e atender-nos e a fome continuar a bater às nossas portas, então, camaradas camponeses e camponesas, HÁ QUE IR BUSCAR O PÃO ONDE ELE O HOUVER! Os montes dos grandes lavradores são verdadeiros armazens enquanto nas nossas casas não há pão para os nossos filhos! Não se trata de cometermos actos isolados, mas sim de juntarmo-nos todos os explorados do campo, homens mulheres e crianças e arrancarmos aos grandes senhores da terra aquilo que nos faz falta! Para a frente, pois, cada vez mais unidos e combativos contra a miséria e a exploração fascistas.

Declassified in Part - Sanitized Copy Approved for Release 2012/02/14 : CIA-RDP83-00415R003200030010-1

Declassified in Part - Sanitized Copy Approved for Release 2012/02/14 : CIA-RDP83-00415R003200030010-1

MAIS LUTAS E MAIS VITÓRIAS

terror e a demagogia dos fascistas não conseguirão desviar as massas camponesas do caminho da luta pelas nossas reivindicações imediatas

Quando os trabalhadores se convencem de que não há outra saída para obrigarmos os exploradores a arripiar caminho e quando compreendemos que os nossos interesses são solidários, a nossa unidade fortalece-se cada vez mais na luta e as nossas reivindicações são atendidas. Mas quado nos deixamos adormecer nas vagas promessas do salazarismo e dos grandes agrários, a nossa situação piora e os causadores da fome camponesa aproveitam mais facilmente para nos reduzir à condição de escravos

Contra a nossa unidade, contra a unidade de todos os camponeses e camponesas, as manobras dos nossos exploradores serão impotentes. A nossa situação piora dia a dia mas também dia a dia nos levantamos contra a miséria, o desemprego e a exploração do salazarismo e dos grandes lavradores e os obrigamos a tomar medidas que nunca seriam tomadas se não fossem arrancadas pela nossa luta.

Os camaradas de REDONDO assim acabam de o verificar.

Antes das eleições-burla de 13 de Fevereiro a Câmara deu trabalho a 600 trabalhadores desempregados. Os fascistas da Camara inscreveram todos os seus nomes nos cadernos eleitorais e no dia da eleição descarregaram os votos de todos eles. Porém a seguir ao dia 13 todos foram despedidos. Em face disto os camponeses de REDONDO em número de 250 concentraram-se na Casa do Povo exigindo providências, mas como aqui não resolvessem a situação dirigiram-se todos à Câmara onde o presidente não lhes deu qualquer solução. Então os camponeses nomearam uma comissão de unidade que, em nome de todos, se dirigiu a Évora ao delegado do I.N.T. a quem exigiram que fosse dada solução à sua aflitiva situação. Os trabalhadores retiraram com a promessa de que tudo seria resolvido. Ao fim de 5 dias como a situação se mantivesse na mesma todos os camponeses, com a sua comissão de unidade à frente, se concentraram de novo na Casa do Povo e exigiram que os presidentes da Direcção e da Assembleia Geral acompanhassem a comissão a Évora junto do governador civil e do delegado do I.N.T. Depois de reclamarem junto destas autoridades foram aberto trabalhos pela Junta Autónoma das Estradas e pela Hidráulica onde todos trabalhadores foram empregados com uma jorna de 18$00. Os camponeses de Redondo souberam orientar acertadamente a sua acção e a sua luta é um belo exemplo para todos os camaradas camponeses e camponesas.

Também os trabalhadores de Alcanena resolveram lutar contra a crise de trabalho que sacode todos os camponese do Ribatejo.

Juntando-se, mais de 50 camponeses concentraram-se em frente da Câmara e exigiram que fossem abertos trabalhos para os desempregados. Vendo a vontade de luta dos camponeses e a sua unidade as autoridades fascistas resolveram abrir trabalhos de valagem onde todos foram empregados. A unidade dos camponeses de ALCANENA, além de lhes ter proporcionado trabalho, permitiu-lhes obter uma jorna de 25$00 — igual ao salário dos operários de curtumes da sua localidade.

Em MONTEMÓ-O-NOVO, onde é cada vez maior a crise de trabalho, os camponeses fizeram um abaixo-assinado com centenas de assinaturas e apresentaram-no na Casa do Povo e ao delegado do I.N.T. de Evora, exigindo trabalho garantido para todos e uma jorna de 50$00. Para reforçar esta acção, os camaradas camponeses MONTEMOR devem fazê-la acompanhar de concentrações na Casa do Povo e eleger a sua Comissão de Unidade camponesa para os representar junto das autoridades fascistas.

Em LAVRE, um rancho de trabalhadores, que andavam a arrancar cortiça a 4$50 a arroba por conta do grande agrário fascista António Luis da Veiga, verificaram a dada altura que estavam a ser roubados na pesagem. O lavrador fascista tinha posto na balança o pilão nº 7 em vez do nº 6 que competia. Os trabalhadores protestaram imediatamente contra o roubo de que estavam a ser vítimas e exigiram uma nova balança o que conseguiram. Contudo não souberam manter a sua unidade para exigir a readmição dum camarada despedido pelo patrão fascista por ter descoberto o roubo, o que constitui um erro que devem corrigir em futuras lutas.

Também em BORBA, um rancho de camponeses que trabalhavam por conta da lavradeira fascista Catarina Leitão, ao ser-lhes dado pão de péssima qualidade, abandonaram o trabalho como protesto e foram junto das autoridades queixar-se daquela exploradora e exigir trabalho.

Em SANTA MARGARIDA (Grândola) todos os camponeses desempregados da localidade juntamente com outros da região de Grândola pediram ao regedor que os acompanhasse afim-de reclamarem a abertura de trabalhos para os desempregados, na Câmara do concelho. Como este alegasse afazeres, os camponeses, munidos duma carta do regedor que confirmava a grande crise de trabalho na região, concentraram-se na Câmara de Grândola e no posto da G. N.R. Na Câmara falaram com o tenente da .G.N.R. e com o presidente a quem expozeram a situação e exigiram providências. Estes deram passos para resolver a situação mas passados 10 nada havia de novo. Novamente os camponeses se concentraram na Casa do Povo e exigiram que dentro de um curto praso fossem abertos trabalhos. A luta continua.

Em ERMIDAS, na herdade VARZEA do ROXO, uma comissão de camponeses avistou-se com o agrário António Luis Esteves exigindo em nome dos camaradas o aumento das jornas de 16 para 18$. Conseguiram 17$00, o que já foi uma vitória. Como consequência desta acção os camponeses das herdades do Sobral Mendia e Pomarinho obtiveram o mesmo aumento.

Estes exemplos devem ser seguidos, camaradas camponeses e camponesas. Saibamos orientar cada vez melhor as nossas lutas, estreitando mais e mais a nossa UNIDADE e mobilizando um número cada vez maior de trabalhadores. Só desta maneira os exploradores fascistas serão obrigados a ouvir-nos e a solucionar a nossa situação.

guarda rural--guarda dos ricos

Os grandes agrários fascistas que se sentam na Assembleia Nacional e que arrecadam todos os meses nas algibeiras mais três contos de réis arrancados ao suor do nosso povo, só para dizer que sim a Salazar, acabam de fazer mais uma tentativa para a criação da chamada Guarda Rural. Tal como nas campanhas anteriores, a grande imprensa fascista, particularmente «O Século», secundou activamente a acção dos grandes senhores do latifundio procurando enganar a opinião pública quanto aos verdadeiros objectivos que os animam. Só as grandes dificuldades financeiras em que se debate o salazarismo, a braços com um grande crise económica para onde atirou o país, e comprometido no financiamento da sua política de guerra, adiou por algum tempo esta realização tão querida dos fascistas. O que é que pretendem afinal os grandes agrários fascistas com a criação da Guarda Rural?

No dizer deles trata-se de defender a propriedade rústica contra os roubos e impedir a caça e a pesca ilegais nas zonas de regime florestal. Na realidade, os seus objectivos principais são outros: o que eles pretendem é criar um corpo repressivo, suficientemente armado e brutalizado, para o lançar contra as massas camponesas, sacudidas pela miséria e pela fome.

Não é por acaso que os grandes agrários da Assembleia Nacional fascista levantam a questão da Guarda Rural no momento mesmo em que a maior crise de trabalho de que há memória, sacode os trabalhadores rurais. A perspectiva de grandes lutas de massas camponesas, pressionadas pela fome, assusta os grandes lavradores fascistas, assusta os grandes latifundiários com o salazarismo pela responsabilidade com o salazarismo pela grande miséria que reina nos campos. O grande receio dos agrários fascistas despeitados não que os agrários fascistas despeitados não que os agrários fascistas despeitados não é um simples corpo de civis armados, no qual não poderiam depositar confiança, mesmo aculados contra os trabalhadores rurais, seus irmãos, mas sim um corpo «disciplinado e obediente» do tipo da G.N.R., que tão bons serviços está rendendo aos grandes proprietários — como aquela feroz patrulha que, há três anos em Alberaca, obrigou dois trabalhadores a despejarem dois sacos de bolota e a carregarem-nos cheios de pedra até ao monte do lavrador, depois de, em vão, terem tentado que eles se agredissem um ao outro! Por outro lado os deputados fascistas agrários chegaram a propor um novo imposto sobre a propriedade rústica, destinado a sustentar o corpo da Guarda Rural.

Quer dizer: seria a massa dos pequenos e médios proprietários e rendeiros quem pagaria aos mercenários defensores do latifundio. Contra os manejos dos grandes lavradores, fascistas há que protestar energicamente, enviando ao governo cartas e representações exigindo que as verbas reclamadas para a criação da Guarda Rural sejam aplicadas na abertura de trabalhos para os desempregados, afim-de minorar a fome das famílias camponesas, que só acabará quando o governo salazarista for sacudido do poder.

«O Camponês»

No próximo número do nosso jornal, que inicia o terceiro ano de publicação, «O CAMPONÊS» apresentar-se-á com um novo cabeçalho desenho do camarada Alvaro Cunhal, agora caído nas garras da P.I.D.E.

A redacção apela para que os camaradas camponeses e camponesas continuem a ajudar o seu jornal não só enviando o auxílio financeiro, sem o qual «O CAMPONÊS» não poderá manter-se, como também enviando-nos as suas opiniões e críticas, artigos e sugestões e reintando-nos as suas lutas e problemas. Não te preocupes camarada camponês por não saberes escrever muito bem, ou por não saberes escrever. Escreve-nos como souberes e quizeres, mas escreve, camarada camponês, e se não souberes pede a outro camarada que o faça por ti.

PEQUENAS NOTICIAS

No país da Democracia Popular os povos, quebradas as algemas da reacção e dos monopólios internacionais e liquidados os seus aliados em cada país, realizam novas conquistas no caminho do bem-estar e do progresso nacional. Um dos factores mais decisivos da prosperidade das Democracias Populares foi, sem dúvida, a realização duma profunda reforma agrária que elevou rapidamente o nível de vida das massas camponesas.

Só na Roménia, onde mais de 70 por cento da população vivia da agricultura, foram expropriadas mais de 1 milhão e 400 mil hectares de terra a 1.141 grandes proprietários e distribuidas a perto de 800.000 famílias camponesas. Os pequenos proprietários participaram também da distribuição das terras, e assim, actualmente, perto de 80 por cento da superficie cultivável do país está dividida em pequenas explorações de 10 hectares. A Roménia como os outros países de Democracia Popular, está marchando irresistivelmente para o socialismo.

* * *

A **QUESTÃO ALEMÃ** continua a chamar a atenção de todos os povos do mundo. As forças da reacção e da guerra querem fazer renascer das cinzas o militarismo e o nazismo alemães e fazer do povo alemão a **TROPA DE CHOQUE CONTRA A U.R.S.S. E OS PAÍSES DA DEMOCRACIA POPULAR.** Mas as forças da paz, que ganham terreno dia a dia em todo o mundo e são hoje as mais poderosas, fizeram progressos decisivos na Alemanha e são um estorvo aos planos guerreiros dos imperialistas anglo-americanos. O povo alemão sabe hoje quem são os seus verdadeiros amigos. Enquanto nas zonas ocidentais da Alemanha os imperialistas anglo-americanos protegem os chefes nazis e restabelecem os monopólios que alimentaram Hitler, na zona oriental, a União Soviética, limpou a terra alemã dos responsáveis hitlerianos e de todos os criminosos de guerra, no mesmo tempo que desapossou todos os grandes industriais e os grandes senhores da terra (Junker's). MAIS DE 500.000 CAMPONESES ALEMÃES receberam a terra, tirada aos Junker's, das mãos dos ocupadores soviéticos.

Atenção as ceifas!

ESTÃO à porta as ceifas, camaradas camponeses e camponesas, e isto quer dizer que temos de nos preparar para fazer frente à exploração dos agrários. As condições que vamos este ano entrar nas ceifas são piores do que nunca pois a longa crise de trabalho e o agravamento geral do custo de vida, atiraram para a maior miséria as famílias camponesas. Os grandes exploradores do suor camponês procurarão aproveitar-se da nossa miséria e jogar com outros trunfos a seu favor para forçarem o abaixamento das jornas e aumentarem a exploração do nosso trabalho. Devido a ruinosa política agrária do salazarismo, muitos pequenos e médios proprietários e rendeiros não puderam cultivar as terras e este facto deixa o campo mais livre aos grandes senhores de latifundio, que este ano reduziram criminosamente ainda mais os cultivos nas suas herdades, para reforçarem a exploração dos camponeses. Assim, a grande redução da área cultivada e as más condições do tempo, além de reduzirem as possibilidades do emprego de braços, facilitarão também a ofensiva dos grandes agrários contra as jornas dos trabalhadores. A isto devemos responder da única forma capaz de fazer recuar os exploradores: reforçar mais e mais a nossa unidade e travarmos a luta pelo pão dos nossos filhos. Desde já devemos, em cada local, criar as nossas comissões de unidade com os camaradas mais firmes e honestos e, com elas a frente, exigirmos das direcções das Casas do Povo e das autoridades fascistas, trabalho garantido e uma jorna de 50$00 como já fizeram os camaradas de Montemor. Unidos como um só homem em volta das nossas comissões, nós obrigaremos os grandes lavradores a pagarem jornas mais altas do que aquelas que eles se preparam para nos oferecer. Será através das nossas Comissões de Unidade e das Comissões de Praça, que devemos eleger em cada lugar onde existam praças de trabalhadores, que nós ajustaremos as contractas com os lavradores e velaremos para que o pagamento das jornas acordadas para cada semana seja cumprido como reza a contracta.

Ao mesmo tempo não devemos afrouxar um só momento a luta contra o desemprego pois os grandes agrários, instalados nas direcções das Casas do Povo, tudo farão para impedir a abertura de trabalhos públicos, com o fim de disporem de mão-de-obra barata para os trabalhos da lavoura. Para conseguirmos os nossos objectivos devemos formar uma sólida barreira contra o jogo dos exploradores, fortalecendo a unidade camponesa em cada região e promovendo reuniões de delegados camponeses de cada localidade afim-de concertarmos acções comuns e estabelecermos as jornas a exigir. Se assim fizermos, as manobras dos agrários falharão e o pão não faltará nas nossas casas.

Declassified in Part - Sanitized Copy Approved for Release 2012/02/14 : CIA-RDP83-00415R003200030010-1

Declassified in Part - Sanitized Copy Approved for Release 2012/02/14 : CIA-RDP83-00415R003200030010-1

III SÉRIE — N.º 58 MAIO DE 1949 PREÇO $50

Proletários de todos os Países: Uni-vos!

O Militante

BOLETIM DE ORGANIZAÇÃO DO P.C.P.

PROBLEMAS DE ORGANIZAÇÃO DO MOVIMENTO REIVINDICATIVO

COMISSÕES DE EMPRESA E COMISSÕES DE INDÚSTRIA

A fome e a miséria estendem-se de norte a sul do país. Os salários mantêm-se longo tempo, sem acompanharem os aumentos dos preços. Muitas cláusulas dos «contratos colectivos», quando favoráveis à classe operária, não são cumpridos. Em algumas indústrias há fábricas que fecham, atirando os trabalhadores para o desemprego, sem qualquer subsídio ou protecção.

O único caminho que se apresenta para melhorar as condições de vida dos trabalhadores é a intensificação da luta dentro de cada empresa e à base de indústria. É assim a situação coloca ante todas as organizações do Partido a tarefa de darem UM NOVO E DECIDIDO IMPULSO ÀS LUTAS REIVINDICATIVAS.

É certo que as organizações do Partido, duma forma geral, têm sido as dinamizadoras e organizadoras de centenas de lutas que se têm vindo a suceder por todo o país. Mas não basta organizar e dirigir. É necessário organizar e dirigir CORRECTAMENTE.

Em algumas indústrias, prossegue há longos meses uma luta tenaz. Nota-se, entretanto, em alguns casos, que a luta se arrasta em sucessivas diligências junto das entidades corporativas e do governo, sem que às promessas não cumpridas e às respostas vagas e, por vezes, insultuosas, responda uma acção mais enérgica dos trabalhadores. Desta forma, o patronato reaccionário e o governo fascista ganham tempo, amolecem o espírito combativo das massas e nada fazem para resolver as dificuldades da classe operária.

Uma das razões deste facto reside em INCOMPREENSÕES E DEFICIÊNCIAS DE ORGANIZAÇÃO DO MOVIMENTO REIVINDICATIVO. A uma nos queremos referir hoje: A FALTA DE COORDENAÇÃO DA ACÇÃO DAS COMISSÕES GERAIS DE INDÚSTRIA COM A ACÇÃO DAS COMISSÕES DE UNIDADE DAS EMPRESAS.

Em alguns casos, têm-se formado COMISSÕES DE INDÚSTRIA, sem que se formem COMISSÕES DE UNIDADE nas empresas.

As Comissões de Indústria realizam uma actividade muito positiva, apresentam reclamações nos sindicatos nacionais e no INT, dão contas às massas da sua actuação (por circulares escritas, por exemplo). Mas a inexistência de Comissões nas empresas tem várias consequências prejudiciais para o movimento.

A primeira: DEFICIENTE PARTICIPAÇÃO DAS MASSAS NA LUTA.

Sem dúvida que os trabalhadores aplaudem a acção da Comissão Geral, fazendo por vezes abaixo assinados e acompanhando outras vezes dezenas de trabalhadores a Comissão. Isso é contudo manifestamente insuficiente.

Declassified in Part - Sanitized Copy Approved for Release 2012/02/14 : CIA-RDP83-00415R003200030010-1

Declassified in Part - Sanitized Copy Approved for Release 2012/02/14 : CIA-RDP83-00415R003200030010-1

Sem Comissões de Unidade nas fábricas não pode [illegible] a apoio permanente dos operários dentro de cada fábrica, [illegible] de massas junto dos escritórios e no sindicato, apoiando [illegible] da Comissão Geral. A participação das massas na luta [illegible] entusiasmo e a força capazes de levar o patronato e o governo a [illegible] massas não se educam, não se treinam na luta, não se preparam para recorrer a novas formas de luta (pequenas suspensões de trabalho e greve) caso não seja dada satisfação às suas reclamações. E, entretanto a experiência diz-nos que o patronato e o governo têm tanto mais em conta as reclamações operárias, quanto mais amplo e mais massivo é o movimento. A experiencia diz-nos que quando, em cada empresa, os operários lutam enèrgicamente junto do patrão, acompanhando a acção das Comissões de Indústria, são muitas vezes os patrões que (interessados no rendimento normal das suas fábricas) se dispõem, por vezes contra a opinião do governo, a satisfazer as reclamações dos trabalhadores.

A segunda: ISOLAMENTO DA COMISSÃO GERAL E ENFRAQUECIMENTO DA SUA ACÇÃO.

A ligação das massas com a Comissão Geral, o apoio das massas à Comissão Geral, não pode ser eficazmente estabelecido e realizado senão existindo, dentro de cada empresa, UM ORGANISMO que esteja em contacto diário com as massas, que seja visto por estas como o organismo dirigente da sua luta, que discuta com estas as reivindicações, o curso do movimento, as formas práticas de luta a adoptar. Esse organismo é a Comissão de Unidade da empresa, que deve ser (sempre que possível) escolhido democràticamente. Faltando a Comissão de empresa, as massas não podem acompanhar dia a dia o movimento, não podem apoiar, dia a dia a Comissão Geral de Indústria. Faltando as comissões de empresa, a Comissão Geral (mesmo que estabeleça contacto com as massas pela acção individual dos seus membros ou por circulares impressas) não pode ter o apoio activo das massas.

Daqui resulta a frouxa ligação com os operários da indústria respectiva e, como consequência, a Comissão Geral não tem, ante as entidades junto das quais reclama, toda a autoridade e força que só lhe pode ser dada pelo apoio activo das massas; não tem atrás de si a energia poderosa das massas; não tem o apoio imediato e energico das massas contra qualquer represália que seja tomada contra os membros da Comissão Geral.

Esta insuficiente ligação da Comissão Geral com os operários — que só pode efectuar-se através das Comissões de Unidade de empresa —, tem permitido aos fascistas tratar com menos respeito as Comissões gerais e não darem às reclamações o andamento que dariam se vissem atrás da Comissão Geral a acção aguerrida e a firme disposição de vencer dos trabalhadores em todas as empresas.

A terceira: TENDÊNCIA PARA MÉTODOS BUROCRÁTICOS DE LUTA.

Sem o apoio activo e dinâmico das massas, as formas de luta utilizadas pela Comissão Geral são, acima de tudo, representações e reclamações junto dos sindicatos, do INT e do governo. Isto é muito importante e exige da Comissão grande firmeza e abnegação. Mas à falta da mobilização dos trabalhadores dentro de cada empresa, essa acção da Comissão Geral não é apoiada por acções de massas, por concentrações junto da gerência de cada fábrica e nos sindicatos. Cai-se assim frequentemente em reclamações burocráticas, sucedem-se as reclamações da Comissão Geral, sucedem-se as respostas evasivas ou negativas, sem que haja uma viva reacção das massas, ante o mau acolhimento que os dirigentes fascistas de alguns sindicatos e as entidades oficiais dão por vezes às reclamações e à Comissão Geral. Os fascistas, vendo que não se produz uma tal reacção, sentem-se encorajados para tratar desdenhosamente os representantes dos operários, para recusar satisfazer as reivindicações, para arrastar a luta, convencidos à Comissão Geral para novas e infundáveis reuniões, fazendo promessas sem qualquer ideia de cumpri-las, etc.

Vê-se assim a necessidade de ligar a luta da Comissão Geral de Indús-

tria a luta [illegible] Comissões de Unidade nas empresas, a necessidade de coordenação [illegible] das segundas.

[illegible] camaradas justificam a não formação das [illegible] pelo receio dos operários às represálias do patronato. [illegible] existe, o papel das organizações do Partido é vencer as [illegible] que lhe representa. Se os trabalhadores elegerem as suas comissões para exporem as suas reclamações ao patronato, se apoiarem em massa as suas comissões, os patrões, de um modo geral, nenhumas represálias poderão exercer; porque lhes não convem a perturbação do funcionamento das suas empresas. E se, quando algum as exercer, os trabalhadores apoiarem em massa os seus representantes, o patronato terá que que recuar. Milhares de Comissões de Unidade se têm formado em todo o país. Quando trabalham ligadas às massas são rarissimos os casos de represálias. Só graves incompreensões podem justificar que se não formem Comissões de Unidade nas empresas.

Uma Comissão Geral de Indústria, para que a sua acção seja bem sucedida, tem de apoiar-se nas massas e as suas deligências têm de ser acompanhados por acção de massas. A luta junto do sindicato e do INT tem de ser acompanhada pela luta junto do patronato em cada empresa. Isso só se consegue se a Comissão Geral se liga às massas por intermédio das Comissões de Unidade nas empresas. É mesmo justo dizer-se que A MELHOR FORMA DE ORGANIZAÇÃO É AQUELA EM QUE A COMISSÃO GERAL É COMPOSTA POR DELEGADOS DAS COMISSÕES DE UNIDADE DAS EMPRESAS.

O papel que o nosso Partido tem de desempenhar na presente situação política

PARA um grande número dos nossos camaradas não está ainda claramente definido qual o papel que o nosso Partido deve desempenhar na actual conjuntura política portuguesa, se é apenas um comparticipante como qualquer outro agrupamento político entre as forças de oposição na luta contra o salazarismo ou se, pelo contrário, as suas responsabilidades são maiores; isto é, se como força comparticipante nesse movimento lhe pertence, nas condições presentes e com todo o direito, ser a força orientadora e dirigente do mesmo.

Sabemos que muito se tem dito e escrito sobre o papel dirigente do Partido e o que este e o proletariado devem desempenhar na luta do nosso povo contra o regime fascista de Salazar; mas tudo o que temos feito não tem sido o suficiente para esclarecer bem este problema entre os elementos e simpatizantes do nosso Partido. Assim, muitos dos nossos camaradas continuam a ver o Partido apenas como o dirigente das lutas reivindicativas dos trabalhadores para o aumento dos salários, para o barateamento da vida, pela luta por mais géneros etc., e não como a principal força política a quem competirá unir e dirigir as forças democráticas contra o regime [illegible].

Esta lacuna, [illegible] papel dirigente [illegible] nos [illegible] [illegible] [illegible]

Declassified in Part - Sanitized Copy Approved for Release 2012/02/14 : CIA-RDP83-00415R003200030010-1

jam levados por diante; onde a s[illegible] sentir como elementos dirigentes e não dirigidos.

Onde devemos ir buscar a orig[illegible] ra a grande maioria dos nossos [illegible] qual deve ser o papel que o nosso [illegible] no actual momento histórico do pov[illegible] politica dirigente. Se uma tal compreensão exi[illegible] Partido, muitas das variações que se tem notado po[illegible] dos nossos, nos organismos de unidade anti-fascista, não se teriam [illegible] Por outro lado [illegible] sua [illegible] seria para [illegible] tendencias que se tem introduzido no movimento anti-fascista para o entraquecer. Teriamos sabido colocar nos postos de direcção dos organismos de unidade verdadeiros representantes do povo, que tivessem dado provas concretas na luta contra o salazarismo. Isto teria não só contribuido para depurar o movimento anti-fascista dos elementos maus, mas também para fortalecer as posições do Partido dentro do movimento como força dirigente.

Eis, porque, no momento actual se torna indispensável uma ampla discussão em todo o Partido sobre este problema, onde se assinale com toda a clareza o papel histórico que o Partido e o proletariado têm de desempenhar. Para isso, devemo-nos servir de exemplos concretos como sejam: as lutas que o proletariado e as massas camponesas têm empreendido nestes últimos anos contra o salazarismo, que as distanciam em muito dos outros sectores da oposição; o papel que o nosso Partido tem desempenhado na condução dessas lutas, as suas provas de energia, combatividade e abnegação em defesa da causa do povo; a sua organização, que tem sabido resistir a todos os ataques do salazarismo enquanto que [illegible] outros partidos têm sucumbido; o grande número de mártires que [illegible] partido e a classe operária tem dado que não podem ter paralelo [illegible] mártires de outro qualquer partido ou classe, etc.

Todos estes factos se outros não houvesse dão uma autoridade moral ao proletariado e ao seu partido — o Partido Comunista — para serem de direito a força politica dirigente no momento histórico que estamos atravessando.

É isto que muitos dos nossos camaradas não sabem ver. Daqui por tanto a necessidade de levar a compreender — e quanto antes — a todos os elementos do Partido e ao grosso do proletariado a missão que estes devem desempenhar na presente situação. Quer dizer: o nosso Partido deve esforçar-se por levar o proletariado a impôr-se como força de vanguarda e dirigente e não que este vá a reboque de outras classes ou partidos. O nosso Partido não deve permitir que este posto de vanguarda e de direcção que por direito lhe pertence passe para as mãos de outra qualquer classe ou agrupamento politico, porque, em tal caso, o movimento anti-fascista deixaria de ter uma orientação proletária revolucionária, em benefício de todo o povo e da salvaguarda da nossa independência nacional — hoje ameaçada — para passar a ser um movimento apenas em defesa dos interesses estreitos de sectores da burguesia, pequena burguesia e duma serie de arrivistas e traidores à causa do povo que esperam utilizar o proletariado só com o objectivo que este lhe venha a tirar as «castanhas do lume para eles as comerem».

Precisamos por isso saber insuflar confiança aos nossos camaradas para que, dentro dos organismos de unidade já existentes e de que façam parte e de outros que devemos constituir, saibam colocar-se como elementos de vanguarda, defendendo enèrgica e consequentemente os seus pontos de vista, assinalando bem o papel que o nosso Partido e o proletariado na luta contra o salazarismo têm desempenhado, sabendo defender com todo o direito o lugar a que temos jus. Na luta contra o salazarismo são os actos quem contam e não as palavras. E nesta luta ninguém até hoje deu maiores provas com acções concretas do que o proletariado e o seu partido.

É isto que é necessário que todos os nossos camaradas e o grosso do proletariado, compreendam porque só com esta compreensão eles estarão à altura de se saber impôr como força dirigente do movimento anti-fascista. É isto que precisamos fazer-lhes compreender no actual momento.

Declassified in Part - Sanitized Copy Approved for Release 2012/02/14 : CIA-RDP83-00415R003200030010-1